

DEVIL'S BACKBONE • CHAPTER 3

You're
next

USA Today and International Bestselling Author

TATE JAMES

VOCÊ É O PRÓXIMO

A ESPINHA DORSAL DO DIABO

LIVRO TRÊS

TATE JAMES

OCEANOPDF.COM

Tate James

Você é o próximo: Espinha Dorsal do Diabo – Livro 3

Copyright © Tate James

Todos os direitos

reservados

Publicado pela primeira

vez em 2025 James,

Tate

Você é o próximo: A espinha dorsal do diabo #3

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a permissão prévia por escrito da editora, nem pode ser distribuída de outra forma com qualquer tipo de encadernação ou capa diferente daquela em que foi publicado, e sem que uma condição semelhante, incluindo esta condição, seja imposta ao comprador subsequente. Todos os personagens desta publicação, exceto aqueles claramente de domínio público, são fictícios, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Design da capa: Antoaneta Georgieva

Edição: Gretchen Stelter

Revisão: Aubergine Editing

OceanofPDF.com

AVISO SOBRE O CONTEÚDO

Sua saúde mental é importante! Se você precisar de informações específicas sobre o que pode estar incluído, entre em [contato pelo e-mail contact@tatejamesauthor.com](mailto:contact@tatejamesauthor.com)

Possíveis gatilhos podem incluir:

- Bullying
- Violência/assassinato
- Sequestro
- Saúde mental
- Drogas
- Suicídio / referência a suicídio
- Agressão sexual
- Sem consentimento
- Dub-Con

OceanofPDF.com

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42 –](#)

[Epílogo](#)

[También por Tate James](#)

[*OceanofPDF.com*](#)

*Para Hyunlix e Minsung. Obrigado por lembrarem a todos nós que as
almas gêmeas são reais.*

OceanofPDF.com

1

ROYCE

Royce: Eu sei que você pediu tempo, mas... quanto? Especificamente. Só para eu poder dizer para a galera dar um

Ashley: Não sei. Talvez um mês.

Royce: !?!?!?

Royce: Você está brincando,

Royce: Tá, tenho certeza de que você está brincando. Piada engraçada, amor. Agora, por favor, volta para casa?

Royce: Estou preocupado com você. Você pode me

Ashley: Estou bem. Por favor, respeite minha vontade e me deixe em paz.

A Ashley estava agindo de forma estranha. Parecia uma afirmação óbvia, considerando que ela havia feito as malas e “saído de casa” enquanto estávamos todos na festa de aniversário do Nate, mas ela explicou sua necessidade de ter um tempo e espaço de uma forma que achamos difícil de contestar. Todos nós tínhamos ido rápido demais, com muita força, e ela tinha surtado.

rápido demais, e ela tinha surtado.

Mas, desde então, suas respostas ficaram menos frequentes e mais curtas. Isso me deixou em um emaranhado de ansiedade e teorias da conspiração do qual eu simplesmente não conseguia me livrar.

“Ei, vocês tiveram notícias da Ash hoje?”, Perguntei enquanto me dirigia ao sofá, onde Heath e Carter estavam jogando videogame.

Heath olhou para mim com uma sobrancelha erguida. “Você não?”

Soltei um suspiro de frustração e me joguei na poltrona favorita do Nate. “Tive. Mas ela está... sei lá. Estranha. Vocês não acham?”

Carter bufou, balançando a cabeça, mas não respondeu. Heath apenas torceu o nariz para mim. “É óbvio. Ela está se recusando a ver qualquer um de nós pessoalmente. Isso não é exatamente típico dela.”

Fiz uma careta, batendo os dedos no joelho. “Tá bom, então... a gente aceita isso? A gente vai simplesmente... desistir?”

Carter jogou o controle no chão e me lançou um olhar mortal. Pena que não teve efeito em mim, mas agradeço o esforço. “Ninguém está *desistindo*, babaca. A menos que você esteja? Porque eu com certeza não vou. Nem o Heath, né?”

“Certo.” Heath assentiu.

Cerrei os dentes, tentando me lembrar de que estávamos do mesmo lado. Nosso acordo ridículo de que Ash acabaria tendo que escolher entre nós era exatamente isso: uma bobagem total. Eu não tinha a menor intenção de me afastar como um maldito cavalheiro... A menos que ela pudesse me olhar nos olhos e me dizer que não me amava.

“Então, o que vamos fazer a respeito?” Perguntei com um rosnado, tão frustrado que fiquei com vontade de socar uma parede. Eu não faria isso, é claro, porque não resolveria nada. Mas a tensão que pulsava dentro de mim era tão intensa que eu estava começando a tremer. “Cadê o Nate?”

Ele tinha estado estranhamente ausente a semana toda, desde a festa dele. Ele estava deprimido e apático na própria festa e saiu mais cedo alegando uma dor de cabeça mentirosa. Quando chegamos em casa e descobrimos que a Ashley tinha ido embora, ele admitiu que eles tinham brigado, mas se recusou a nos dar mais informações.

“Está nos evitando”, murmurou Heath com uma careta, largando o próprio controle de videogame. “Mas a Carly está vindo pra cá. Pelo visto, a Ash pediu para ela pegar as anotações da aula.”

Com isso, eu me endireitei na cadeira. “A Carly viu ela?”

Heath deu de ombros. “Pergunta quando ela chegar. Ela não falou muito ao telefone.”

A campainha tocou, e Lady latiu seu próprio aviso quando o som a despertou do sono. Carter a silenciou e coçou as orelhas dela enquanto se dirigia para a porta da frente, olhando pelo olho mágico antes de abri-la.

“Falando no diabo”, ele disse lentamente, enquanto a melhor amiga de Ashley entrava com uma cara fechada. “Entre, Carly, fique à vontade.”

“Cala a boca, Bass”, ela retrucou. Então, ao ver o olhar de Carter, ela respirou fundo e empalideceu visivelmente. “Hum, droga. Quer dizer, desculpa. Oi. Posso entrar, por favor?”

Carter revirou os olhos e fez um gesto para que ela continuasse até onde Heath e eu estávamos sentados. O humor dela mudou drasticamente à medida que se aproximava, olhando nervosamente por cima do ombro para Carter, que a seguia.

“Oi”, ela me disse com um pequeno aceno, depois se sentou desajeitadamente ao lado do primo. “Vocês estão falando da Ash?”

Assenti com a cabeça. “O Heath disse que você a viu?”

“Não, não vi”, ele argumentou, e eu dei de ombros. Quase isso — estava implícito.

Carly balançou a cabeça. “Não... Mas mandei uma mensagem para ela hoje de manhã, e ela perguntou se eu poderia pegar as anotações dela para que ela pudesse fazer as tarefas.”

“Então você sabe onde ela está ficando?” Heath perguntou, passando a mão pelo cabelo escuro e bagunçado.

Carly franziu a testa e balançou a cabeça novamente. “Na verdade, não. Ela me pediu para deixar as anotações no country club. Vocês não grampearam o telefone dela, rastream o GPS ou algo assim? *Vocês* não deveriam saber onde ela está ficando?”

Carter e eu trocamos um olhar, e ele soltou um suspiro de frustração, sentando-se novamente ao lado do cachorro. “O aplicativo está com defeito.”

Carly ergueu as sobrancelhas, surpresa. “Tá bom, eu estava meio que brincando sobre isso. Mas agora estou mais preocupada... Quais são as chances do seu aplicativo de stalking dar defeito bem quando você precisa dele? Tem algo suspeito aqui, e não é só o pedido dela de anotações da aula.”

Eu não estava entendendo. “O que há de suspeito nisso?”

Heath soltou um leve gemido de compreensão, balançando a cabeça, pensativo. “Ela já terminou todas as tarefas antes do prazo, e o professor não deu nenhum projeto novo, então por que diabos ela precisaria dessas anotações?”

Ele tinha razão. Ash estava muito adiantada nas tarefas, então por que diabos ela pediria essas anotações para a Carly? E por que pedir à Carly, e não a um de nós?

“Não entendo”, admiti, esfregando os olhos com as palmas das mãos.

Eu não estava dormindo nem de longe o suficiente. Como diabos eu conseguiria,

sem minha colega de quarto? "Isso é um código para alguma coisa?"

Carly bufou e balançou a cabeça. "Sei lá, caramba. Alguém *realmente* falou com ela? Quero dizer, por videochamada, pessoalmente ou até mesmo por *mensagem de voz*? Literalmente, qualquer coisa além de mensagens de texto?"

Eu não tinha falado. Nem Heath, nem Carter. Não tínhamos nos dado ao trabalho de perguntar ao Nate, porque, porra, por que ela entraria em contato com ele? Claramente, o que quer que ele tivesse dito na noite da festa de aniversário o aborreceu o suficiente para fazê-la fugir. *Idiota.*

Como nenhum de nós falou nada, Carly soltou um gemido e apoiou a cabeça nas mãos. "Merda."

"Você não acha que é ela", disse Carter em voz baixa. "A última vez que alguém a viu foi no aniversário do Nate..."

"Seis dias atrás", murmurou Heath, franzindo a testa. "Mas a gente falou com ela." "Por mensagem", respondi, o pavor crescendo dentro de mim a cada segundo que passava. segundo.

Heath soltou um longo suspiro. "Sim... mas a Carly e o Nate viram ela saindo da festa, e ela estava bem, não é?"

Carly assentiu, roendo a ponta da unha. "Sim. Quer dizer, ela estava claramente chateada, e eu não *falei* com ela, mas foi porque o Nate disse para deixá-la sozinha por um tempo. E, depois, quando tentei encontrá-la, ela já tinha ido embora."

Nate. Aquele desgraçado do Nate tinha dito ou feito alguma coisa para causar tudo isso, e já estava na hora de ele confessar. "Aliás, cadê ele?" Peguei meu celular para mandar uma mensagem e perguntar, embora tivesse quase certeza de que ele estava na academia lá embaixo. Era onde ele vinha passando muito tempo essa semana... talvez para aliviar a consciência pesada.

"Então, Carly, você viu a Ashley saindo da festa depois de falar com o Nate, certo?" Carter perguntou, processando os poucos fatos que tínhamos. "E, *desde* então, todas as nossas interações têm sido por mensagem de texto, o que não parecia tão estranho até a Spark pedir anotações de que ela não precisa."

"Além disso, ela é fria e distante nas mensagens com todos nós", acrescentei.

Carly torceu o nariz ao ouvir isso e deu de ombros. "Sem querer ofender, mas isso pode ser qualquer coisa. O Nate não está sendo honesto sobre o motivo da discussão. Ele pode ter dito várias coisas ofensivas para fazer com que ela tentasse se distanciar."

“Testa ela”, sugeriu Heath. “Manda uma mensagem para ela e pergunta alguma coisa, Carter, mas chama ela de *Esquilo*. Veja se ela percebe.”

Na verdade, essa era uma ideia muito boa. Eu me mexi no assento, inclinandome para a frente com expectativa enquanto Carter fazia o que Heath mandava, os polegares voando pela tela do celular enquanto digitava a mensagem. Então, todos nós esperamos.

E esperamos.

“Ela não está respondendo.” Carter olhou furioso para o celular, como se quisesse estrangular o aparelho.

“Bom, que decepção”, murmurou Carly, expressando exatamente o que eu estava pensando. “Talvez você devesse tentar, Roycey? Chamar ela de Spark?”

Carter olhou para mim, como se eu tivesse insinuado que ela responderia a mim mais rápido do que a ele. Mas, se não era a Ash do outro lado da linha, de que importava? Se outra pessoa estava com o celular dela, quem diabos estava com *ela*?

Antes que a situação esquentasse, o celular de Carter apitou.

Prendi a respiração, e tinha certeza de que todo mundo também prendeu, enquanto Carter abria a mensagem e depois recuava, confuso. “Joia. É só um joinha. Que porra é essa? É assim?” Ele ergueu o polegar para nós com uma expressão sem graça. “Ou assim?” Ele fez de novo, com um *sorriso de escárnio claramente sarcástico*. “Tô confuso.”

“Isso importa? Você chamou ela de *Esquilo*, né?” Heath apontou, passando os dedos pelo cabelo. “E a única resposta dela foi um maldito joinha? Nem ferrando que é o Ashes mandando mensagem para você.”

“Concordo.” Aquela sensação horrível de pavor estava quase me sufocando. “Outra pessoa está com o celular dela.”

“Então, onde diabos está a Ashley?” Carly perguntou com a voz embargada, parecendo estar a dois segundos de chorar, de tão pálida que estava.

Com um timing impecável, a porta da frente se abriu novamente. Nate entrou com os fones de ouvido ainda colocados, o suor cobrindo seus braços nus. Ele largou a bolsa de academia no chão e começou a ir para a cozinha, mas então nos viu e parou de repente. “O que foi?” ele perguntou, abaixando os fones de ouvido até o pescoço. “Parece que todos vocês acabaram de ver um fantasma ou algo assim.”

Nate estava com uma péssima aparência. Apesar de toda a sua indiferença em relação à partida de Ashley, ele também não estava dormindo bem, e as olheiras sob seus olhos o denunciavam.

Carter se levantou da cadeira e cruzou os braços. “Aconteceu alguma coisa com a Spark”, anunciou ele, com a voz parecendo um trovão. “Quem quer que esteja enviando mensagens do celular dela é um impostor, e *algo*

ruim aconteceu. O que vamos fazer a respeito?”

Nate ergueu tanto as sobrancelhas que elas quase saíram do rosto dele. “O quê? Por que você acha isso? Ela está bem. Ela só precisa de um tempo para respirar e aí

vocês vão voltar logo a transar como coelhos o tempo todo. Só tenha paciência com ela.”

Por que ele parecia *tão* evasivo agora? Eu nunca tinha visto Nate tão obviamente culpado por algo, como se ele estivesse genuinamente arrependido de algo que disse ou fez.

“Aqui”, Carter estendeu o celular. “Lê isso. Você consegue mesmo me dizer que é ela?”

Nate se aproximou para pegar o celular e ler as mensagens por conta própria. Então ele franziu a testa e virou o celular como se estivesse verificando se era mesmo o celular do Carter. Sim, ele deve ter acabado de entender a armadilha do apelido.

“Curtir?” ele murmurou, confuso. “Isso é passivo-agressivo. E nenhuma reação a você chamá-la pelo apelido idiota que o Royce deu a ela?”

“Nada”, confirmou Carter, como se Nate não pudesse ver isso por conta própria na tela.

Nate olhou para o resto de nós, a preocupação evidente em seu olhar escuro, depois soltou o ar enquanto se afundava em um assento no sofá. “Merda.”

“Lembra pra gente de novo o que aconteceu entre vocês na noite do seu aniversário”, pedi a ele, desesperado por qualquer pista, mesmo que mínima. Algo que nos desse uma pista sobre o que poderia ter acontecido depois que Ash saiu do evento.

Nate baixou o olhar instantaneamente, encolhendo os ombros com uma espécie de necessidade física de guardar seus segredos. Eu queria dar um soco nele. Não de um jeito amigável, mas de um jeito que o obrigasse a *falar, caramba*.

“*Nada*”, ele mentiu após uma pausa dolorosa. “Não aconteceu nada. A gente só trocou algumas palavras, e ela pediu para ficar um minuto sozinha lá fora para arejar a cabeça. Só isso.”

“Algumas palavras”, repetiu Heath. “Que conversa? Seja lá o que vocês tenham conversado... agora ela está desaparecida e outra pessoa está se passando por ela respondendo às mensagens. Então, pense muito bem no que você está escondendo, Nate, porque, pelo que sabemos... Ashes já está morta e a culpa é sua.”

Nossa.

Aquela declaração me atingiu como uma bola de demolição, e a bile subiu pela minha garganta. Passei a mão no rosto, engolindo em seco para me controlar. Heath só estava exagerando para causar um efeito dramático, certo?

A Ashley estava bem. Tinha que estar. Porque se ela não estivesse...

Não. Eu me recusava a pensar assim. Havia outra explicação — simplesmente tinha que haver. Mas qual?
Aquele sinal de positivo era terrivelmente incriminador.

OceanofPDF.com

2

ASHLEY

Heath: Me diz que não sou a única achando que o Nate está mentindo sobre o que aconteceu na festa dele. Estou imaginando coisas ou ele está sendo suspeito pra caramba?

Royce: É exatamente o que

Carter: O que diabos ele poderia estar escondendo? Ele admitiu que eles discutiram. Por que não nos conta o resto? A Spark pode estar em perigo de verdade, e ele está preocupado

Carly: Notícia de última hora: ele já é um babaca. Que se dane ele, vamos resgatá-la nós mesmos, né, equipe?

...

...

...

Carter: Quem adicionou a Carly ao grupo de

Carly: 🙄

C Internada. O Nate me *internou* em uma porra de clínica de saúde mental... E, quanto mais tempo eu passava acordada nesses quartos brancos e estéreis com a variedade cinzenta de outros pacientes quase inconscientes, mais eu me perguntava se talvez ele tivesse razão em fazer isso.

Pelo menos uma dúzia de conversas com meu médico de família me fizeram duvidar de tudo. Segundo ele, eu tive um colapso mental após o suicídio do Heath, e tudo piorou a partir daí. Segundo ele, eu estava a um passo de uma camisa de força e de um quarto acolchoado. Eu precisava tomar cuidado com minhas palavras e ações, ou as coisas ficariam muito piores.

Se é que isso era possível. Heath estava morto? *Minha mãe* estava morta? Meus relacionamentos eram todos meras invenções da minha imaginação afetada pelas drogas? Se tudo isso fosse verdade, então para que diabos eu estava vivendo?

Minha crença no que eu sabia e no que eles me diziam mudava quase a cada hora. Era exaustivo.

“Gostaria de dar um passeio no jardim, Srta. Ashley?”, perguntou uma das enfermeiras mais gentis, com uma voz suave. Eu tinha acabado de receber minha medicação —

— sem ideia do que era — e a engoli obedientemente. No primeiro dia, aprendi da maneira mais difícil que recusar não era uma opção.

Para minha surpresa, porém, as pequenas pílulas brancas não fizeram nada comigo. Não me senti diferente ao tomá-las, o que só reforçava a ideia de que eu era, de fato, totalmente louca.

“Claro”, concordei, por não ter nada melhor para fazer. Já fazia uma semana... Eu tinha quase certeza de que fazia uma semana. Talvez mais? Eu estava confusa naqueles primeiros dias, quando tudo o que fazia era chorar e gritar. Agora eu estava mais calma.

A enfermeira Annette abriu seu sorriso radiante, gesticulando para que eu caminhasse ao seu lado enquanto seguíamos pelo corredor, passando pela sala comum. Eu *odiava* entrar na sala comum, onde metade dos pacientes conversava com fantasmas e a outra metade era só estátuas babonas.

“Como você está se sentindo hoje?”, ela perguntou enquanto caminhávamos. “Você parece calmo.”

“Estou”, murmurei, sabendo que, se eu dissesse o contrário, eles aumentariam minha sedação. Eu via isso todos os dias em outros pacientes e já havia passado por isso algumas vezes. A sedação era *horrível*. “O médico já entrou em contato com meu meio-irmão?”

Não chamá-los pelo nome me impedia de cuspir quando dizia o nome do médico ou o de Nate.

O único resquício de esperança ao qual eu me agarrava era o de não ter visto o Nate. Eu não tinha ouvido as notícias terríveis sobre o Heath, minha mãe, o pai dele, minha *sanidade*... tudo vindo da boca dele. Se ele pudesse

me olhar nos olhos e me dizer que era tudo verdade, eu não teria escolha a não ser acreditar.

Até lá...

“Sinto muito, Ashley”, suspirou a enfermeira Annette. “Disseram-me que seu irmão não está disponível para visitas no momento. Talvez possamos tentar de novo na semana que vem?”

Engoli em seco, apesar de já saber que essa seria a resposta. “Talvez.”

A enfermeira me lançou um olhar preocupado, os lábios franzidos, pensativa. Ela não era muito mais velha do que eu e havia me dito que só tinha começado a trabalhar neste hospital há um mês. “Quer que eu fique com você um pouco?”

Quase aceitei, só porque conversar com ela era muito mais atraente do que ser abordada por outro “hóspede” e ter que falar sobre como os alienígenas vivem entre nós. Mas então avistei uma mulher morena sentada em sua cadeira de rodas perto do lago dos patos. Sozinha.

“Não, obrigada. Vou só aproveitar o sol.”

“Tudo bem, volto para ver como você está daqui a pouco, então.” A enfermeira Annette me lançou outro olhar preocupado, depois suspirou e voltou para dentro.

Parei um pouco, fingindo admirar as rosas sem espinhos que cresciam ao lado da trilha, esperando um momento para ter certeza de que a enfermeira tinha me deixado sozinha e não mudado de ideia. Depois de um instante, olhei por cima do ombro para confirmar que a porta estava fechada e, em seguida, caminhei casualmente até o lago dos patos.

“Olá”, disse com uma voz gentil ao me aproximar da mulher na cadeira de rodas. De longe, eu diria que ela estava na casa dos trinta e poucos anos, mas, agora que estava mais perto, pude ver que ela era muito mais jovem. Por volta dos vinte e poucos anos, talvez? A insanidade deve afetar a juventude de uma pessoa.

A mulher não respondeu. Ela apenas olhava fixamente para o lago, onde uma pequena família de patos nadava tranquilamente na superfície. No entanto, seu olhar não tinha foco. Pelo que eu podia ver, ela poderia muito bem ser cega.

“Hum, eu sou a Ashley”, tentei de novo, ajoelhando-me na grama ao lado da cadeira de rodas dela. “Qual é o seu nome?”

Silêncio. Nem mesmo um sinal de reconhecimento. Se não fosse pelo fato de eu já a ter visto escrevendo no diário várias vezes, eu acharia que ela estava totalmente catatônica. O diário em questão estava no colo dela, com os dedos enrolados em torno dele como se ela tivesse medo de que alguém o levasse embora.

Mordi o lábio, sem saber o que fazer a seguir. Eu queria saber mais sobre essa mulher, porque, toda vez que via Jocelyn — ou a Dra. Russo —, ela estava totalmente absorta em conversar com *essa* mulher. Que não

conseguia responder. Então, ou eu estava louca, ou a Dra. Russo não era a mãe psicótica do Nate,

e eu realmente pertencia a esse lugar... ou essa mulher de olhos mortos sabia o que diabos estava realmente acontecendo.

“Então, hum, você gosta de escrever? É ficção?” Eu estava me agarrando a qualquer coisa, mas, caramba, ela não estava me dando nada com que trabalhar. “Ou, hã, não ficção?”

Que porra é essa, Ashley? Você parece uma idiota.

Felizmente, a mulher não percebeu. Ou, se percebeu, não reagiu.

No entanto, algo estava me incomodando, e eu queria desesperadamente saber o que essa paciente, normalmente catatônica, escrevia com tanta frequência em seu diário. E por que Jocelyn estava tão interessada.

Por um minuto, fiquei ajoelhado ali, tentando decidir o que diabos fazer a seguir. Ela estava *totalmente* indiferente. Ela perceberia se eu apenas... desse uma olhadinha no que ela estava escrevendo? Talvez eu estivesse totalmente enganado e fossem apenas rabiscos. Talvez fossem os desabafos de uma mulher realmente louca. Talvez... talvez... fosse uma prova irrefutável do experimento de hipnose maluco da Jocelyn?

Com certeza, era só uma ilusão. Mas eu não tinha mais nada para fazer, então que diabos?

Respirando fundo, estendi a mão e bati com a ponta do dedo no caderno encadernado em couro que estava no colo dela. “Pode parecer falta de educação, mas você se importa se eu... der uma olhadinha no que você está escrevendo?” Fiz uma pausa, me sentindo extremamente desconfortável. Então soltei um suspiro, segurei o caderno entre os dedos e comecei a tirá-lo de debaixo das mãos dela.

Era *uma* invasão de privacidade e tanto, mas, no mínimo, eu poderia alegar insanidade. Não é?

De repente, a mulher de olhar vazio ganhou vida, seus dedos se fecharam ao redor do caderno enquanto ela o arrancava das minhas mãos delicadas.

“Não!” Ela gritou, seus olhos se fixando nos meus com uma clareza surpreendente enquanto apertava o livro contra o peito. “Eles vão te matar.”

O choque me fez cambalear para trás e cair de bunda na grama. “O-o quê?

Quem? Por quê?”

A mulher apenas me encarou. Através de mim. Então, seus olhos perderam o foco novamente, e ela se recostou na cadeira, encolhendo os ombros mais uma vez enquanto se retraía para dentro da própria cabeça. Era quase como se eu pudesse *ver* meu último resquício de esperança se desvanecendo diante dos meus olhos, e o pânico me tirou do meu estado de choque.

Avançando, agarrei seus ombros para tentar sacudi-la e trazê-la de volta à consciência. — O que você quer dizer? Quem vai me matar? Por quê?”

Seu olhar vacilou, como se ela estivesse bêbada, e então ela murmurou algo baixinho que não consegui entender. Do outro lado do jardim, a porta do

prédio principal se abriu e uma mulher elegante e familiar saiu, fazendo com que uma onda de medo me revirasse por dentro.

“O quê?” Eu repeti, agora em desespero. “O que você disse?”

Ela murmurou de novo e, desta vez, achei que a ouvi um pouco melhor... mas não fazia o menor sentido. Mas eu não tinha mais tempo.

“Ashley.” Aquela voz fria fez meus ombros enrijecerem e meus pulmões se contraírem. “O que você está fazendo aqui?”

Eu praticamente tropecei nos meus próprios pés ao tentar me levantar e criar distância entre mim e a mulher dos meus pesadelos, literalmente. “Só estou aproveitando o sol”, respondi, recuando apressadamente.

Desde aquele primeiro dia em que gritei que ela era a Jocelyn, não tinha interagido muito com a Dra. Russo, apesar de vê-la pelo hospital. Ainda mais desconfortante, eu também tinha visto o Dr. Fox pelo hospital.

Essa constatação me deixava enjoada toda vez que passava pela minha cabeça.

Que, de alguma forma, eu tinha inventado o assassinato dele na minha cabeça? Era uma merda.

Enquanto me afastava apressadamente da Dra. Evil e de sua paciente em cadeira de rodas, ouvi sua saudação levada pela brisa. “Bom dia, Abby. Como você está hoje?”

Eu tropecei.

Abby?

Putá merda. Não.

De repente, a resposta murmurada que a mulher desatenta me dera fez sentido, e a compreensão soou como um sino dentro da minha cabeça, alto o suficiente para me ensurdecer.

Os patos.

Patos.

Sociedade da Espinha Dorsal do Diabo.

Putá merda, eu tinha acabado de conhecer a Abigail?

Chocado, virei-me na direção de onde tinha vindo, mas a médica já a estava levando embora em um ritmo acelerado. No entanto, de alguma forma, a Dra. Russo pareceu perceber que eu a estava observando e olhou para mim. Nossos olhares se encontraram, e um medo gelado me percorreu ao ver o sorrisinho que se formou em seus lábios perfeitos.

Como diabos isso era possível?

Ou não era?

Balancei a cabeça, piscando contra a luz do sol e questionando absolutamente

tudo. Incluindo minha sanidade.

OceanofPDF.com

3

ASHLEY

Annie: Amor, não tô me sentindo bem com esse trabalho. Acho que cometi um erro ao vir para cá.

Bryan: Sério? Mas o aumento de

Annie: Eu sei. Eu sei. Mas estou começando a achar que o dinheiro é para encobrir algo horrível. Alguns desses pacientes... Eles não deveriam estar aqui. Eles não são

Bryan: “Louco” não é legal, amor, eles são “pacientes com transtorno mental”.

Annie: Cala a boca. Isso é sério. Tenho um pressentimento muito ruim sobre este lugar.

Bryan: A gente conversa hoje à noite. Te

“A “Irmã Annette, seu turno começou há cinco minutos”, disparou a matrona de expressão severa quando minha enfermeira favorita entrou correndo na sala de descanso com ar preocupado. Larguei minhas cartas de Uno — eu estava jogando com um dos pacientes mais lúcidos, um adolescente chamado Jean-Luc que mal falava uma palavra de inglês.

“Sim, sinto muito”, respondeu a jovem enfermeira, alisando o cabelo já perfeito. “Não vai se repetir.”

“Layne”, disse meu parceiro de jogo com sua voz de forte sotaque, “*c'est ton tour.*”

Voltei a olhar para Jean-Luc e pisquei, confusa. Ele repetiu, apontando para as minhas cartas viradas para baixo na mesa, e eu entendi o que ele queria dizer. Era a minha vez.

Ele ergueu uma sobrancelha, apontando para as minhas cartas novamente. “*Ne m'oblige pas à jouer avec ces autres salopards. La moitié d'entre eux ne connaissent même pas leur propre nom.*”

Eu sabia muito, muito pouco francês, e a velocidade com que ele falava era um pouco rápida demais para mim. Então, simplesmente suspirei e peguei minhas cartas mais uma vez. “Tá bom, tudo bem. Pega quatro.” Coloquei a carta +4 na mesa com um sorrisinho. “Mude para azul.”

Jean-Luc sorriu. “*Non. Prenez-en huit.*” Ele colocou uma carta igual na mesa, e eu não precisei do Google Tradutor para saber que estava pegando oito cartas.

Droga.

Meu foco não estava no jogo e, depois de pegar oito cartas a mais, quase não tive chance. Jean-Luc venceu em questão de minutos, e eu suspirei enquanto jogava minhas cartas restantes no baralho.

“*Rejouer?*” ele perguntou, embaralhando as cartas com suas mãos firmes. Eu já sabia que ele ia perguntar isso. “Não, obrigado. Talvez mais tarde?”

Ele deu de ombros e suspirou, colocando as cartas de volta na mesa e pegando seu livro. Abri um sorrisinho para ele e me levantei para procurar a enfermeira Annette. Eu tinha me esforçado muito para manter a *sanidade* ao falar com a equipe, e tinha a sensação de que ela era mais receptiva do que os outros. Agora, mais do que nunca, eu precisava passar uma mensagem para o Nate.

Ele era o único que poderia esclarecer todas as dúvidas conflitantes que se agitavam na minha cabeça, mas só se ele aparecesse.

Para minha decepção, porém, a jovem enfermeira não estava em lugar nenhum. Havia dois funcionários uniformizados na sala, conversando com outros pacientes ou ajudando-os com... sei lá o quê. Mas a enfermeira Annette tinha ido embora.

Merda.

“Certo, é hora do almoço”, anunciou a enfermeira-chefe, voltando a entrar na sala. “Vamos lá, pessoal, sigam para o refeitório.”

Com um suspiro de desânimo, fiz o que nos mandaram e comecei a sair da sala de estar junto com cerca de uma dúzia de outros pacientes. Uma delas, uma senhora particularmente mal-humorada chamada Cheryl, parecia não querer deixar seu quebra-cabeça inacabado.

“Não!”, Ela protestou quando um dos funcionários tentou gentilmente movê-la. “Não! Toda vez que eu saio do meu quebra-cabeça, alguém pega uma peça! Eu sei disso. Eu contei! Alguém pega uma peça *toda vez que* eu saio. Eu não vou. Não me importo. Você não pode me obrigar!” O que começou como uma recusa firme rapidamente se transformou em uma briga completa, e eu assisti, junto com os outros pacientes, enquanto os enfermeiros eram chamados e a mesa de quebra-cabeça era derrubada com um chute, enquanto eles imobilizavam Cheryl e lhe injetavam um sedativo.

Então, de repente, acabou. Cheryl ficou inerte, e dois funcionários corpulentos a carregaram para fora da sala, enquanto uma enfermeira abalada se ajoelhava para começar a recolher as peças do quebra-cabeça. Ela enfiou a mão no bolso, e percebi que ela tinha acabado de guardar uma peça.

“Entendi a mensagem”, murmurou um dos outros pacientes. “Eles podem e vão nos obrigar a fazer qualquer coisa que quiserem.”

“O que vocês estão fazendo?”, berrou a supervisora, voltando para a sala comum. “Eu disse que é hora do almoço!”

Putá merda. Não era a primeira vez que eu via um paciente ser sedado — caramba, já tinha acontecido comigo —, mas era a primeira vez por algo tão... simples. Se eu quisesse ter alguma esperança de mandar uma mensagem para o Nate, realmente precisava ter cuidado. Eu não poderia fazer nada se ficasse amarrado na cama, babando.

Abaixando a cabeça, fui obedientemente até o refeitório e engoli a comida horrível — purê de batata morno sem sal e uma mistura de carne moída — com a colher. Deus me livre de nos darem qualquer coisa que exigisse faca ou garfo para comer. Não, no café da manhã, no almoço e no jantar, só serviam comida de colher.

A enfermeira Annette não estava no almoço. Nem a misteriosa mulher de cabelos escuros na cadeira de rodas... *Abby*. A frustração era tanta que fazia minha pele coçar, mas, a cada três segundos, eu precisava me lembrar de não fazer nada que pudesse comprometer minha aparente sanidade.

Era muito difícil. Eu queria gritar, brigar e *exigir* respostas. Mas, como eu já havia aprendido, isso só resultaria na picada aguda de uma agulha e na escuridão sufocante da sedação. Isso não me levava a lugar nenhum, então, por enquanto, eu precisava esperar e... ter esperança.

Mais tarde naquele dia, deixei minha impaciência tomar conta de mim enquanto uma enfermeira chamada Kelsey distribuía os remédios em pequenos copos de papel. “Enfermeira Kelsey, será que o médico já conseguiu falar com o meu meio-irmão?” Perguntei com a voz mais calma possível.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Youre Next Tate James"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).